

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, p. 1-11, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.43286</p>	

SEÇÃO: JORNALISMO

Contexto e contextualização no jornalismo: uma proposta conceitual e metodológica

Context and contextualization in journalism: a methodological and conceptual proposal

Contexto y contextualización en el periodismo: una propuesta conceptual y metodológica

Ana Paula Lückman¹

orcid.org/0000-0001-8102-7413
ana.luckman@gmail.com

Virginia Pradelina da
Silveira Fonseca¹

orcid.org/0000-0002-3106-1573
virginia@ufrgs.br

Recebido em: 21 maio 2022.

Aprovado em: 18 fev. 2023.

Publicado em: 28 ago 2023.

Resumo: Inspiradas pela teoria da complexidade de Edgar Morin, ensaia-se neste artigo uma definição conceitual e uma estratégia metodológica para análise de contexto no jornalismo. Partindo do pressuposto de que uma das principais atribuições do jornalismo contemporâneo é contextualizar os acontecimentos, argumenta-se que, ao cumprir essa finalidade, reafirma-se sua condição de forma específica de conhecimento social. Para cumprir esse objetivo, primeiramente faz-se uma descrição sumária do ecossistema, seguida da apresentação da concepção moriniana de conhecimento, para então delinear os conceitos de contexto e contextualização. Por fim, realiza-se um exercício empírico de análise visando identificar as operações de contextualização utilizadas em texto noticioso sobre o desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19.

Palavras-chave: contexto; jornalismo; análise de contexto.

Abstract: Inspired by the complexity theory of Edgar Morin, a conceptual definition and methodological strategy for the analysis of context in journalism is discussed in this article. Based on the assumption that one of the main attributions of contemporary journalism is to contextualize events, it is argued that, by fulfilling this finality, its condition of specific form of social knowledge is reaffirmed. In order to fulfill this objective, a short description of the eco-system is realized, followed by a presentation of Morin's concept of knowledge, in order to, next, outline the concepts of context and contextualization. At last, an empirical exercise of analysis is conducted aiming to identify the operations of contextualization used in news text related to the development of vaccines against COVID-19.

Keywords: context; journalism; context analysis.

Resumen: Inspirándose en la teoría de la complejidad de Edgar Morin, se presenta en este artículo una definición conceptual y una estrategia metodológica para el análisis del contexto en periodismo. Asumiendo que una de las principales tareas del periodismo contemporáneo es contextualizar los hechos, se argumenta que, en el cumplimiento de este propósito, se reafirma su condición como forma específica de conocimiento social. Para cumplir con este objetivo, en primer lugar, se hace una breve descripción del ecosistema, seguida de la presentación de la concepción moriniana del conocimiento, para luego esbozar los conceptos de contexto y contextualización. Finalmente, se lleva a cabo un ejercicio de análisis empírico para identificar las operaciones de contextualización utilizadas en textos de noticias sobre el desarrollo de vacunas contra el COVID-19.

Palabras clave: contexto; periodismo; análisis de contexto.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Introdução

Há 25 anos, quando a internet ainda começava a se disseminar como rede global², o pesquisador norte-americano Michael Schudson (1995) vislumbrava um cenário que, em grande medida, hoje se mostra consolidado: amplamente disseminada³, a internet mudou radicalmente a relação emissor-receptor e vem forçando uma espécie de "reinvenção" compulsória e contínua do jornalismo. Porém, os efeitos desse processo superam em muitos aspectos a expectativa do autor, que afirmava, então, não acreditar num enfraquecimento da importância social do jornalismo. Passadas quase três décadas de experiência on-line, tanto o jornalismo quanto a sociedade de forma mais ampla ainda se adaptam e aprendem a lidar com as transformações decorrentes de novas formas de comunicação.

No relatório "Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos", publicado em 2012 e traduzido no Brasil no ano seguinte, Anderson, Bell e Shirky (2013) evidenciam a constante necessidade de que o jornalismo encontre lugar nessa nova realidade para que mantenha sua relevância. Ao possibilitar a emergência de novos tipos de mídia e diferentes formas de interação, a internet trouxe uma nova ambiência comunicacional em rede à qual todas as esferas da vida em sociedade vêm se adaptando. Os autores avaliam como equivocada a visão de que a internet seja um novo tipo de mídia, assim como se sucederam, ao longo dos séculos 19 e 20, o jornal impresso, o rádio e a televisão, os mais antigos adaptando-se em formato e linguagem à medida que os novos surgiam. "A chegada da internet não trouxe um novo ator para o ecossistema jornalístico. Trouxe um novo ecossistema", afirmam (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 73).

Ao descrever o "ecossistema jornalístico" con-

temporâneo, Anderson, Bell e Shirky (2013) sugerem perceber o jornalismo como parte de um todo que envolve não apenas a tríade notícias, jornalistas e instituições (mantidos com o subsídio da publicidade), elementos que compunham o ecossistema do jornalismo industrial. O jornalismo chamado por eles de "pós-industrial" seria parte de um sistema mais amplo, com novos componentes interligados, como a maior interação com a audiência, a participação dessa mesma audiência como protagonista e fonte de notícias, as tecnologias de informação e comunicação, as novas formas de trocas possibilitadas por elas e a quantidade imensamente maior de meios disponíveis, o que acarreta, também, um grande volume de informação em intensa circulação multidirecional. A mudança na natureza do financiamento dos meios e os novos princípios organizadores possibilitados pela internet – como, por exemplo, a distribuição universal on-line e a obsolescência dos suportes analógicos – são também outros parâmetros a caracterizar esse novo ecossistema (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Ante o novo ecossistema, vários pesquisadores vêm procurando identificar os diferenciais do jornalismo profissional em meio a um volume crescente de informações que circulam de forma multidirecional. Nesses estudos, a atribuição de contextualizar os acontecimentos aparece com destaque não só no já citado trabalho de Anderson, Bell e Shirky (2013), como também nos de Kovach e Rosenstiel (2010, 2014, 2021), Fink e Schudson (2014), Anderson, Downie Jr. e Schudson (2016), Zamith (2011) e Canavilhas (2006, 2013, 2014) – os dois últimos, relacionando de forma direta o ato de contextualizar e a utilização de recursos da *web*.

Essa ênfase contrasta com a produção teórica anterior à Era da Informação⁴, na qual os trabalhos

² Embora a origem da internet remonte aos anos 1970, quando a então chamada rede Arpanet começou a ser desenvolvida pelo governo dos Estados Unidos e empresas privadas para possibilitar compartilhamento de informações descentralizadas, foi a *world wide web* que possibilitou que a rede mundial passasse a ser acessada por computadores domésticos. O processo foi impulsionado com a criação de uma série de ferramentas necessárias para o funcionamento da rede: as *Uniform Resource Locators* (URL), a linguagem *Hypertext Markup* (HTML), o protocolo *Hypertext Transfer* (HTTP) e a própria WWW, todas desenvolvidas pelo britânico Tim Berners-Lee. O ano de 1991 é considerado o marco de criação da internet como a conhecemos hoje (ISAACSON, 2014).

³ O acesso à internet em 1995 restringia-se a 16 milhões de usuários em todo o mundo (CASTELLS, 2003). Atualmente, a rede mundial é acessada por 68% da população mundial, o que equivale a 5,38 bilhões de pessoas, de acordo com dados da *Internet World Stats* atualizados em 30 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.internetworldstats.com>. Acesso em: 8 abr. 2023.

⁴ "Era da Informação" é a expressão utilizada pelo catalão Manuel Castells (2001, 2003, 2015) para designar o período histórico de tran-

tendiam a mencionar a atribuição de contextualizar os acontecimentos de forma coadjuvante e pouco precisa, ora assumindo que contextualizar é sinônimo de interpretar, ora considerando o contexto como um cenário ou *background* onde o acontecimento é inserido (LÜCKMAN; FONSECA, 2017; LÜCKMAN, 2020). São raras, porém, obras que se preocupem em explorar teoricamente esse conceito. Para Traquina (2002), por exemplo, o contexto de produção da notícia é um dos valores-notícia de seleção, estando relacionados a eles aspectos como disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso. O autor também considera a importância da contextualização entre valores-notícia de construção, ao abordar o valor-notícia da consonância – segundo o qual a notícia atrai mais interesse do público quando o acontecimento tratado é inserido em uma narrativa já conhecida. Para Traquina (2002, p. 200), interpretar a notícia em um contexto familiar “[...] implica a inserção da novidade num contexto já conhecido, com a mobilização de estórias que os leitores já conhecem”. Hall *et al.* (2016) também faz menção ao contexto social no qual os acontecimentos são inseridos e considera essa operação um dos processos mais importantes do jornalismo, enquanto Cornu (1999) vê o jornalista como um intérprete da atualidade, em raciocínio semelhante ao de Alsina (2009), para quem esse profissional é “intérprete do acontecer social”.⁵

A discussão em torno do contexto em outras áreas do conhecimento tem discussões pertinentes que contribuem para nossa reflexão sobre jornalismo e contexto. Leal, Sacramento e Gomes (2017) observam que a compreensão desse termo pode parecer pacificada como sinônimo de pano de fundo ou de cenário – numa alusão direta às artes cênicas e visuais, evocando uma imagem estática. Esse pano de fundo pode ser interpretado como um passado imediato do texto, do fenômeno, do acontecimento ou da situação sobre a qual se reflete. Leal e Carvalho (2017) consideram que o termo também tem em

seu interior uma perspectiva temporal, já que as circunstâncias que acompanham um fato ou situação podem ter conexão com outros fatos, sejam eles simultâneos, passados ou mesmo futuros. No âmbito da antropologia, Bauman e Briggs (2006) destacam dois problemas observados na maioria das definições de contexto: primeiro, passam uma ideia de excessiva inclusividade, como se o contexto pudesse comportar um conjunto infinito de fatores; segundo, dessas definições emerge uma falsa objetividade, o que exige do agente contextualizador que ele seja o “juiz” que estabelece o que merece ser incluído no processo de contextualização. Para os autores, compreender o contexto como condições externas ao texto, que existem *a priori*, implica a sua reificação e reduz as possibilidades de que o observador defina que aspectos da interação social em questão são relevantes.⁶

Assumindo a concepção de que o jornalismo é uma forma de conhecimento social, recorremos a Morin (2006) para argumentar que conhecimento e contexto são noções indissociáveis. A partir da perspectiva da Teoria da Complexidade, sustentamos a ideia de que, na Era da Informação, o jornalismo contextualizado consolida sua relevância social enquanto forma de conhecimento. Para além da reflexão teórica necessária em torno da compreensão do conhecimento, propomos, na sequência, definições para as noções de contexto e de contextualização, aprofundando elaboração anterior (LÜCKMAN; FONSECA, 2017) e avançando epistemologicamente ao considerá-los estruturantes do macroconceito jornalismo. Desse trabalho de elaboração conceitual é que surge a proposta metodológica para observação empírica dos recursos de contextualização utilizados em textos jornalísticos.

1 Conhecimento, jornalismo e contexto

A noção de conhecimento em sentido mais abrangente é um passo importante para sus-

sição dos séculos 20 para 21, marcado pela emergência de uma nova forma social, a “Sociedade em Rede”, organizada em torno de redes digitais de comunicação e na qual a “autocomunicação de massa” seria uma das suas principais manifestações.

⁵ Uma revisão mais detalhada dos trabalhos que relacionam jornalismo e contexto pode ser consultada em Lückman (2020).

⁶ Essa discussão encontra-se mais detalhada em Lückman (2020).

tentar a ideia de que o jornalismo é uma forma específica de conhecimento, assim como para atualizar essa perspectiva no cenário atual. Pensar teoricamente sobre o conhecimento, porém, tende a levar a estratégias de tipificação. A elaboração de uma abstração conceitual pode ser difícil sem o recurso de uma exemplificação, e a questão "o que é conhecimento?" quase automaticamente converte-se em "quais são os tipos de conhecimento?" Isso é perceptível na literatura que relaciona conhecimento e jornalismo, na qual, em geral, o conhecimento do jornalismo é apresentado como um tipo peculiar de conhecimento social (ou seja, produzido e processado coletivamente) que tem aproximações com o conhecimento científico e com o senso comum (PARK, 1940; MEDITSCH, 1999, 2008; FONSECA, 2000; SPONHOLZ, 2009; LÜCKMAN, 2020). Genro Filho (2012) pode ser considerado exceção, com sua proposição de que o jornalismo, historicamente, "[...] se constituiu como uma nova modalidade social de conhecimento cuja categoria central é o singular". O autor considera o conhecimento um "[...] momento da práxis, vale dizer, como dimensão simbólica da apropriação social do homem sobre a realidade" (GENRO FILHO, 2012, p. 23-24).

Elemento basilar na teoria da complexidade, o conhecimento pode parecer, em primeira análise, uma ideia "una e evidente". Contudo, Morin (2015) chama a atenção para o desafio de pensar a respeito de forma a não incorrer em simplificações. Segundo o sociólogo francês, é preciso investigar os processos pelos quais se conhece, e essa reflexão, para o autor, gera novas interrogações e desdobra-se em outras noções, como saber, informação, percepção, razão e muitas outras. "Desde o início, estamos situados diante do paradoxo de um conhecimento que não somente se despedaça desde a primeira interrogação, mas que também descobre o desconhecido em si mesmo e ignora até mesmo o que significa conhecer" (MORIN, 2015, p. 17). Trata-se de uma noção multidimensional, que comporta competências (aptidões para produzir conhecimentos), atividades cognitivas e saberes. Os instrumentos

de produção do conhecimento são o aparelho cognitivo, a cultura e os meios culturais. Para Morin, o conhecimento organiza informações a partir de estruturas teóricas, traduz e reconstrói a realidade (não podendo refleti-la diretamente), o que envolve também processos de interpretação (LÜCKMAN, 2020). Conhecer, numa definição sucinta, seria, portanto, "[...] produzir uma tradução das realidades do mundo exterior" (MORIN, 2008, p. 161). Organizador, o conhecimento seria um nível de realidade diferente da informação – esta, formada por parcelas dispersas de saber. "O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas" (MORIN, 2006, p. 16).

Historicamente, a organização social do conhecimento levou a uma separação entre ciência e filosofia, o que resultou em seu despedaçamento em múltiplas partes. Esse processo, segundo Morin (2006), permitiu que a organização dos saberes em áreas específicas conduzisse aos notáveis progressos do conhecimento. No entanto, também sedimentou uma visão de mundo em que as disjunções são predominantes, como sujeito/objeto, corpo/alma, ciência/filosofia, ser humano/natureza, entre outras, enquanto realidades e problemas têm natureza polidisciplinar, transversal, multidimensional, global, muitas vezes não explicáveis por meio de equações binárias. Frente a essa observação, o autor sustenta que o conhecimento complexo deve operar na direção da contextualização: pôr em contexto as informações, os saberes, aspectos integrantes da realidade observada.

[...] o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar. [...] a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada (MORIN, 2006, p. 15-16).

Na perspectiva complexa, portanto, o conhecimento só é pertinente quando colocado em contexto, pois um conhecimento especializado,

compartimentado e abstrato fecha-se ao diálogo e à comunicação com o meio, atrofiando assim sua relevância. Contextualizar, na lógica complexa, significa religar os saberes de maneira coerente, lançando mão de princípios de organização que não são propostos como "receita", mas como estratégias de pensamento que mobilizam a inteligência do sujeito que observa. Aplicada ao jornalismo, a ação de situar um acontecimento em seu contexto não significa apenas inscrevê-lo em um cenário ou ponto de vista, mas implica a busca por relações e inter-retroações entre o acontecimento ou fenômeno e o contexto; reconhecer a unidade dentro do diverso e o diverso dentro da unidade; compreender como uma mudança local gera repercussões no todo e vice-versa; reconhecer a unidade e a singularidade humanas em meio a diversidades culturais. Para Morin, essa forma de pensar é uma aptidão natural que tradicionalmente é desarticulada no sistema de educação, assim como nos sistemas sociais de forma geral (MORIN, 2003, 2006, 2010a).

Embora sua obra mais importante, em seis volumes, seja nomeada *O método*⁷, Morin costuma enfatizar que o termo não deve ser compreendido como o desenho de procedimentos metodológicos ou técnicas de pesquisa. "Uma metodologia define um programa de trabalho preciso e definitivamente estabelecido. Meu método pretende ser uma ajuda para o espírito, para que ele enfrente as complexidades e elabore suas estratégias" (MORIN, 2010a, p. 242). Na comparação com o paradigma cartesiano, o autor considera que o método de Descartes se aproxima de uma metodologia, uma vez que prescreve processos a serem seguidos para chegar ao conhecimento. Já o método da complexidade indica exigências a serem satisfeitas para tratar a complexidade; pressupõe a construção do conhecimento por meio da superação do pensamento simplificador, fazendo uso consciente de estratégias cognitivas. "O objetivo do método, aqui, é ajudar a pensar por si mesmo para responder ao desafio da comple-

xidade dos problemas" (MORIN, 2015, p. 37). De forma mais ampla, o paradigma da complexidade é a visão de mundo que vai mobilizar as questões do sujeito observador na elaboração de suas interrogações em torno da situação, objeto ou questão que analisa.

A complexidade pode ter um método, mesmo que não tenha ou não seja necessariamente uma metodologia. O método da complexidade sugere que se pense nos conceitos sem que estes sejam dados por concluídos, mas sempre como conhecimento em construção:

[...] para quebrarmos as esferas fechadas, para restabelecemos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade, para pensarmos na singularidade com a localidade, com a temporalidade, para nunca esquecermos as totalidades integradoras. É a concentração na direção do saber total, e, ao mesmo tempo, é a consciência antagonista e, como disse Adorno, "a totalidade é a não-verdade". A totalidade é, ao mesmo tempo, verdade e não-verdade, e a complexidade é isso: a junção de conceitos que lutam entre si (MORIN, 2010b, p. 192).

A proposição moriniana do método da complexidade delimitou-se em torno da palavra "método" após um longo amadurecimento na trajetória do autor como pesquisador social, na qual, com frequência, deparou-se com situações que o levaram a questionar a pertinência da observação pela via da simplificação. O sociólogo avalia que o método cartesiano extrapolou o território da pesquisa científica e se enraizou na cultura e no cotidiano. Por isso, na observação da realidade social, Morin aspirava a um pensamento multidimensional, que enfrentasse a contradição e encarasse o fato de que verdades antagônicas poderiam, também, ser complementares. O pensamento complexo exige tratar o real, estabelecer um diálogo e uma negociação de forma coerente com os princípios da complexidade. O "método", portanto, trata "[...] da reforma necessária dos próprios princípios de nosso conhecimento, reforma que diz respeito tanto às ciências naturais,

⁷ Os seis volumes da obra *O método* foram publicados entre 1977 e 2004, de forma intermitente, dando espaço à produção e publicação de outras obras entre eles. Os subtítulos dos volumes – "A natureza da natureza", "A vida da vida", "O conhecimento do conhecimento", "As ideias", "A humanidade da humanidade: identidade humana" e "Ética" – indicam o escopo de cada um, porém o alicerce da obra é a proposta de um método multidimensional que dê conta da complexidade dos fenômenos (LÜCKMAN, 2020).

às ciências humanas, à política quanto a nossa vida cotidiana" (MORIN, 2010c, p. 40).

2 Contexto e contextualização no jornalismo: delineamento dos conceitos

Na teoria da complexidade existe o que Morin chama de "macroconceitos"; constelações de conceitos a que se encontram associados vários outros que estabelecem relações recorrentes entre si. Em trabalho anterior, apresentamos uma revisão desses conceitos da teoria da complexidade que são relevantes para o estudo do jornalismo como forma de conhecimento, com foco na questão do contexto: paradigma, razão, sistema (ou organização), dialogia, recursividade, holograma, acontecimento, singularidade e crise (LÜCKMAN, 2020). A partir da identificação dessas noções, que correspondem, também, às operações cognitivas que envolvem o processo de conhecer, desenvolvemos uma estratégia metodológica para a análise de contexto no jornalismo.

Como antecipado, a percepção do papel do jornalismo na contextualização dos acontecimentos vem recebendo muita ênfase nas pesquisas mais recentes. Em que pesem relevantes contribuições que se referem a um "jornalismo contextualizado" no espectro das possibilidades técnicas dos recursos digitais e on-line (PAVLIK, 2001 apud ZAMITH, 2011; CANAVILHAS, 2006, 2014), a clareza da relação entre contexto e processo de construção do conhecimento deve ser buscada antes de se explorar práticas de uso de hiperlinks, linguagem multi e hipermídia ou as possibilidades diversas dessas tecnologias (LÜCKMAN, 2020).

Ao buscar uma elaboração conceitual que relacionasse contexto, jornalismo e conhecimento, propusemos de início uma associação entre o processo de contextualização e a investigação de um background o mais detalhado possível dos acontecimentos, dentro dos limites de espaço ou tecnologias disponíveis. Uma segunda operação consiste em fornecer o máximo de informações relevantes relacionadas aos antecedentes históricos e sociais do acontecimento transformado

em notícia (LÜCKMAN; FONSECA, 2017).

Retomando a ideia central de Morin (2006) de que o conhecimento só é pertinente quando colocado em contexto, infere-se que o jornalismo, como forma de conhecimento, também cumpre melhor seu papel social quando contextualizado. Se conhecimento é o processo de apropriação crítica da realidade, como define Genro Filho (2012), o jornalismo desempenha importante papel nesse processo de apropriação crítica – enfatizada, inclusive, no cenário comunicacional da Era da Informação.

Tendo em conta essa compreensão mais ampla de conhecimento e suas relações com o jornalismo, bem como a lacuna teórica revelada pela ausência de um conceito de contexto específico na área, apresentamos as seguintes proposições:

Contexto é o recorte da realidade relacionado ao acontecimento jornalístico que será representado simbolicamente como notícia. Esse recorte pode ser de maior ou menor amplitude, a depender das escolhas do jornalista, de seus referenciais epistêmicos e ideológicos, das peculiaridades do meio onde a notícia será publicada ou das possibilidades empíricas de alcance do fragmento a ser recortado.

Contextualização é o processo de articulação complexa de elementos que, na construção da notícia, busca situar o acontecimento jornalístico dentro do recorte da realidade à qual pertence, com o estabelecimento do maior número possível de conexões entre esse acontecimento e os elementos relevantes a ele relacionados, partindo dos aspectos singulares e identificando informações conexas, pertinentes e consistentes que contribuam para ampliar a compreensão crítica sobre o tema, possibilitando, assim, a produção de conhecimento (LÜCKMAN, 2020, p. 217, grifo da autora).

Os conceitos são complementares e indissociáveis: enquanto o contexto pode ser comparado a uma paisagem ou a um cenário, a contextualização é a estratégia de recorte dessa imagem. Se compararmos o contexto a uma rede, a contextualização pode ser encarada como a estratégia que identifica e estabelece as conexões mais relevantes entre os nós que formam a rede. Nessa dinâmica, a presença do sujeito pensante que observa e define os elementos a serem conectados no cenário é indispensável. "Não há conhecimento 'espelho' do mundo objetivo. O

conhecimento é sempre tradução e construção. Daí resulta que toda observação e toda concepção devem incluir o conhecimento do observador que concebe" (MORIN, 2010c, p. 200-201). Pensar o contexto como um macroconceito – ou seja, como constelação de conceitos associados e interdependentes (MORIN, 2010b) – implica reconhecer os componentes dos quais destacamos realidade, acontecimento jornalístico, notícia, inclusão do sujeito no processo de conhecimento e articulação complexa (LÜCKMAN, 2020).

3 Exercício metodológico para análise de contexto

A partir dessa proposição conceitual, passa-se ao exercício metodológico para análise do traba-

lho de contextualização em textos jornalísticos. A proposta é elaborada articulando-se as categorias morinianas da complexidade às pesquisas sobre jornalismo contextual de Fink e Schudson (2014) e de jornalismo contextualizado de Zamith (2011). As categorias são guias para orientação da análise. Elaboradas com auxílio de Bardin (2002), elas funcionam como rubricas que permitem a classificação dos elementos de significação a serem analisados.

Dessa forma, entende-se cada categoria de análise como uma diferente estratégia de contextualização a ser identificada. Os grupos de categorias são organizados em três estágios de observação, descritos no Quadro 1:

Quadro 1 – Metodologia de análise dos exemplos

Estágios de observação e Objetivos	Categorias e definições	
ESTÁGIO 1: Observação panorâmica Primeira aproximação com o texto em análise: identificação de noções associadas à complexidade	Paradigma	Princípios organizadores do conhecimento que denotam a visão de mundo que orienta o texto
	Imprinting, normalização	Noções sedimentadas, naturalizadas culturalmente; silenciamento de manifestações contrárias a essas ideias
	Razão, racionalidade, racionalização	As três noções estão relacionadas à forma como as pessoas veem a realidade. A razão é a visão coerente dos fenômenos; a racionalidade é o desdobramento que permite ao sujeito dialogar de forma aberta com o mundo real; a racionalização, ao contrário, é fechada e encerra a realidade em um sistema coerente.
	Sistema, organização	Num sistema, os elementos se organizam de forma solidária e indissociável
	Dialogia, recursividade, holograma	A dialogia diz respeito ao enfrentamento e assimilação das contradições; o princípio recursivo rompe a ideia linear de causa-efeito; e o princípio hologramático considera que um todo pode ser ao mesmo tempo mais e menos do que a soma de suas partes.
	Acontecimento, singularidade	São noções associadas. O acontecimento é tudo o que está relacionado ao improvável, singular, acidental
	Crise	Situação de aumento na desordem e da incerteza dentro de um sistema individual ou coletivo
ESTÁGIO 2: Elaboração cognitiva Identificação dos objetivos do texto: explicar? mostrar tendências? descrever? Ou há outra diretriz?	Explicativas	Auxiliam o leitor na compreensão de temas complexos
	De indicação de tendências	Mostram tendências de evolução temporal nos assuntos tratados
	Descritivas	Mobilizam a imaginação dos leitores, transportando-os para os lugares onde os acontecimentos ocorrem

ESTÁGIO 3: Operacionalização de recursos de hiperídia Observação do aproveitamento de recursos de hiperídia para o enriquecimento da experiência do leitor, com acréscimo efetivo de contexto ao assunto abordado por meio desses recursos	Hipertextualidade	Estruturação do texto principal de forma articulada com vários textos secundários interligados
	Multimedialidade	Combinação de diferentes linguagens e tecnologias (texto, imagens, som)
	Interatividade	Possibilidades de interação humana
	Instantaneidade	Redução do tempo entre a publicação e o acontecimento (ou mesmo simultaneidade, com a realização de transmissões ao vivo)
	Ubiquidade	Estruturação dos conteúdos de forma que possam ser compreendidos em qualquer lugar e a qualquer tempo
	Memória	Uso de recursos que promovam a recuperação de informações anteriores à publicada
	Personalização	Possibilidade de alteração da configuração de sites, portais ou newsletters de acordo com as preferências do usuário
	Criatividade	Aproveitamentos das potencialidades da internet não previstos nos itens anteriores

Fonte: Lückman (2020), elaborado a partir de Morin (2008a, 2008b, 2011a, 2011b, 2011c, 2012a, 2015), Fink e Schudson (2014) e Zamith (2011).

Este exercício incidiu sobre uma notícia publicada no portal da *Folha de S. Paulo* em 20 de julho de 2020, intitulada "Vacina de Oxford é segura e produz resposta imune, diz estudo na Lancet".⁸ Situado no cenário da pandemia de COVID-19, o texto tem como aspecto singular, que gera o gancho factual, a publicação de estudo científico anunciando resultados positivos no processo de desenvolvimento de vacina contra o coronavírus SARS-CoV-2, causador da doença.

No primeiro estágio de observação, de visualização panorâmica, foi possível inferir que o paradigma que orienta a construção do texto é o da racionalidade científica, dado que aborda um acontecimento de grande importância, que é o avanço no desenvolvimento de uma vacina para uma doença nova, grave, altamente contagiosa e com alto índice de letalidade. A racionalidade científica é uma categoria estruturante enquanto modelo explicativo da realidade na construção do texto, que busca traduzir, em linguagem acessível ao leitor não especializado, a relevância do resultado parcial do estudo em busca da imunização contra o coronavírus e os desdobramentos que deverão ocorrer a partir disso. Além disso,

o acontecimento é situado no cenário de crise provocado pela pandemia, no qual estão presentes ideias adjacentes de perturbação, desordem, incerteza e busca de soluções para a reversão do quadro crítico.

O segundo estágio, da elaboração cognitiva, permite observar no texto as categorias predominantes de explicação e descrição. A quantidade de informações articuladas tem caráter técnico, mas elas se tornam mais claras por meio de recursos explicativos, inclusive com a citação literal de frases das fontes entrevistadas. O quadro que descreve fase a fase como se desenvolve uma vacina é outro recurso explicativo e descritivo. O texto contempla também a categoria da indicação de tendências, já que apresenta os estágios subsequentes a serem cumpridos pelo estudo.

O terceiro estágio de observação refere-se à operacionalização de recursos de hiperídia. Em termos de hipertextualidade, a matéria em análise apresenta recursos como: hiperlinks para 14 textos anteriores publicados no portal da *Folha*, todos sobre os esforços em busca da vacina contra o coronavírus; link direto para a fonte original do estudo científico abordado, que é a revista científica *Lancet*; ilustração mostrando a

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3aaVkkf>. Acesso em: 25 abr. 2022. A notícia faz referência a estudo científico que confirma a segurança da vacina da indústria AstraZeneca contra a COVID-19, no cenário em que a aprovação dos imunizantes para uso humano ainda não havia ocorrido. O processo de vacinação em âmbito mundial teve início em dezembro de 2020, como consta no portal da Organização Mundial da Saúde (OMS). Disponível em: <https://bit.ly/3vLezMZ>. Acesso em: 25 abr. 2022.

técnica utilizada para o uso de vírus de outras doenças no transporte do material genético para células humanas; galeria com imagens de cientistas em laboratórios trabalhando no desenvolvimento de vacinas – porém, sem conteúdo factual ou imagens de fontes entrevistadas na matéria em questão; e quadro explicativo sobre os estágios de desenvolvimento de vacinas. Com esses recursos, na terceira etapa de observação é possível visualizar os elementos de hipertextualidade, multimídia, ubiquidade, memória e personalização.

O exercício com uma única matéria permite observar o trabalho de contextualização em um texto jornalístico de natureza factual, que aborda questões técnico-científicas por meio de recursos que vão além das questões básicas do lead jornalístico clássico. Com a aplicação desta metodologia, é possível observar que razão, laicidade e saber científico são princípios orientadores do veículo em questão. A preocupação com a contextualização por meio de uma explicação detalhada dos acontecimentos, seja recorrendo a comparações e detalhamento de processos, também se faz presente na escolha das autoras. Já as potencialidades da internet são utilizadas na prática como recurso enriquecedor, uma vez que permitem ao leitor ampliar a compreensão do assunto ao navegar pelos conteúdos complementares sugeridos ao longo do texto.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, sustentamos que, ao contextualizar os acontecimentos, o jornalismo pode reafirmar sua relevância na Era da Informação e consolidar sua importância como mediador qualificado no ambiente comunicacional onde a informação circula de forma acelerada, desordenada e excessiva. Perceber e enfatizar a importância do papel de contextualização no jornalismo nesse cenário evidencia a relevância de se compreender o que é contextualizar, como o jornalismo contextualiza e o que é, afinal, contexto no jornalismo. Vislumbrando essa lacuna, buscou-se contribuir para o aprofundamento do estudo sobre esse tema por meio de uma revisão

teórica e da proposição conceitual, desenvolvidas em trabalho anterior (LÜCKMAN, 2020) e aqui sintetizadas, e através da aplicação de uma estratégia metodológica que permite uma visualização do conteúdo jornalístico organizando e reconstruindo o acontecimento.

A metodologia é suscetível a experimentações e aprofundamentos, mas indica caminhos para o desenvolvimento de novos estudos que investiguem diferentes estratégias de contextualização no jornalismo. Até aqui, ela nos parece promissora e necessária não apenas para a pesquisa que envolva análise de conteúdos jornalísticos, como também para o ensino de jornalismo.

Referências

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, [S. l.], n. 5, ano 2, p. 30-89, abr./maio/jun. 2013.
- ANDERSON, C.W.; DOWNIE JR., Leonard; SCHUDSON, Leonard. **The News media: what everyone needs to know**. New York: Oxford University Press, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 8, n. 1-2, p. 185-229, 2006.
- BOTALLO, Ana; PINTO, Ana Estela de Sousa. Vacina de Oxford é segura e produz resposta imune, diz estudo na Lancet. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3aaVkkT>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. [S. l.], 2006. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=602. Acesso em: 12 nov. 2019.
- CANAVILHAS, João. Jornalismo móvel e realidade aumentada: o contexto na palma da mão. **Verso e Reverso**, [S. l.], v. XXVII, n. 64, p. 2-8, jan./abr. 2013.
- CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (org.). **Web-jornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Livros LabCom, 2014. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 12 nov. 2019. p. 3-24.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- FINK, Katherine; SCHUDSON, Michael. The rise of contextual journalism, 1950s-2000s. **Journalism**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 3-20, 2014.
- FONSECA, Virginia P. S. Um conceito para jornalismo: conhecimento singular ou senso comum? **R. Bibliotecon. & Comum**, Porto Alegre, v. 8, p. 171-182, jan./dez. 2000.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012. (Série Jornalismo a Rigor, v. 6).
- HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: os *mugging nos media*. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". Florianópolis: Insular, 2016. p. 309-341.
- ISAACSON, Walter. **Os inovadores**: uma biografia da revolução digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Blur**: how to know what is true in the age of information overload. New York; Berlin; London: Bloomsbury, 2010. *E-book*.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The elements of journalism**: what newspeople should know and the public should expect. 3. ed. rev. e ampl. New York: Three Rivers Press, 2014.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The elements of journalism**: what newspeople should know and the public should expect. 4. ed. rev. e ampl. New York: Crown, 2021.
- LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. Aproximações à instabilidade temporal do contexto. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 24, n. 3, set./dez. 2017.
- LEAL, Bruno Souza; SACRAMENTO, Igor; GOMES, Itania. Do contexto à contextualização: dinâmicas das historicidades dos processos comunicacionais – Apresentação do Dossiê. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 24, n. 3, set./dez. 2017.
- LÜCKMAN, Ana Paula; FONSECA, Virginia P. S. Contexto e contextualização no jornalismo: uma proposta conceitual. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S. l.], v. 14, n. 2, jul./dez. 2017.
- LÜCKMAN, Ana Paula. **Jornalismo, conhecimento e contexto**: pensamento complexo para uma atividade em transformação. Florianópolis: Insular, 2020. (Série Jornalismo a Rigor, v. 16).
- MEDITSCH, Eduardo. Journalism as a way of knowledge. In: **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. [S. l.], 1999. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=71. Acesso em: 2 set. 2019.
- MEDITSCH, Eduardo. Journalism as a Form of Knowledge: a qualitative approach. In: **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. [S. l.], 2008. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=71. Acesso em: 2 set. 2019.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008b.
- MORIN, Edgar. **Meu caminho**. Entrevistas com Djénane Kareh Tager. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010b.
- MORIN, Edgar. **Meus demônios**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010c.
- MORIN, Edgar. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PARK, Robert E. News as a form of knowledge: a chapter in the sociology of knowledge. **American Journal of Sociology**, [S. l.], v. 45, n. 5, p. 669-686, mar. 1940. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2770043>. Acesso em: 26 nov. 2018.
- SCHUDSON, Michael. **The power of news**. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.
- TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.
- ZAMITH SILVA, Fernando Antônio Dias. **A contextualização no ciberjornalismo**. 2011. 293 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Universidade do Porto, Porto, 2011.

Ana Paula Lückman

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Mestra e graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis, SC, Brasil. Jornalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, onde atua na Diretoria de Comunicação.

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Graduada em Comunicação Social – Jornalismo e mestra em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em Santa Maria, RS, Brasil. Professora titular do Departamento de Comunicação da UFRGS, em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereços para correspondência

Ana Paula Lückman

Instituto Federal de Santa Catarina

Diretoria de Comunicação

Rua 14 de Julho, 150

Coqueiros, 88075-010

Florianópolis, SC, Brasil

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcellos, 2705

Santana, 90035-007

Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela SK
Revisões Acadêmicas e submetidos para validação
do(s) autor(es) antes da publicação.*